

**EPIDEMIA DE HIV/AIDS EM 2022: UM DESCRITIVO SOBRE O
CONHECIMENTO DE UNIVERSITÁRIOS****HIV/AIDS EPIDEMIC IN 2022: A DESCRIPTION ON THE KNOWLEDGE OF
UNIVERSITY STUDENTS****EPIDEMIA DE VIH/SIDA EN 2022: UNA DESCRIPCIÓN SOBRE EL
CONOCIMIENTO DE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS**

Lucilei Fernandes Ferreira¹, Mayara Fállico Faria², Márcia Aparecida Nuevo Gatti³

Como citar esse artigo: Epidemia de HIV/AIDS em 2022: um descritivo sobre o conhecimento de universitários. Rev Enferm Atenção Saúde [Internet]. 2024 [acesso em: ____]; 13(2): e202427. DOI: <https://doi.org/10.18554/reas.v13i2.6547>

RESUMO

Objetivo: aferir o nível de conhecimento de universitários sobre HIV/AIDS. **Método:** estudo exploratório, quantitativo-descritivo, com a população de universitários utilizado um questionário online formulado no Google Forms, contendo 31 perguntas sobre os saberes envolvendo HIV/AIDS. **Resultados:** amostra final foi constituída por 127 questionários analisados, sendo a população predominantemente do sexo feminino (73,2%), cor branca (85,8%), solteiros/separação legal (54,4%), das áreas de biológicas e saúde (62,2%), com a faixa etária entre 20 a 25 anos, que possuem vida sexual ativa (81,9%), fazem uso de preservativos nas relações sexuais (63%) e que não tiveram alguma IST (83,5%). **Discussão e Conclusão:** grande parte dos participantes têm conhecimento sobre as formas de transmissão e proteção, mas ainda assim, notou-se que existem dúvidas pontuais, não havendo associação desses conhecimentos com comportamentos sexuais seguros, sendo necessária a construção de novas metodologias sobre educação sexual.

Descritores: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (HIV/AIDS); Universitários; Conhecimento; Educação em Saúde; Saúde Sexual.

¹ Graduanda em enfermagem. Centro Universitário do Sagrado Coração, Bauru, São Paulo, Brasil. UNISAGRADO. <https://orcid.org/0000-0001-7578-1188>

² Enfermeira, Mestre em Ciências da Saúde. Docente do Centro Universitário do Sagrado Coração. UNISAGRADO, Bauru, São Paulo. UNISAGRADO. <https://orcid.org/0000-0001-8532-2073>

³ Enfermeira. Doutora em doenças tropicais. Docente no Centro Universitário do Sagrado Coração. UNISAGRADO, Bauru, São Paulo. UNISAGRADO. <https://orcid.org/0000-0002-8275-461X>

ABSTRACT

Objective: to assess the level of knowledge of university students about HIV/AIDS. **Method:** exploratory, quantitative-descriptive study, with the university population using an online questionnaire formulated in Google Forms, containing 31 questions about knowledge involving HIV/AIDS. **Results:** the final sample consisted of 127 analyzed questionnaires, the population being predominantly female (73.2%), white (85.8%), single/legal separation (54.4%), from the areas of biological and health (62.2%), aged between 20 and 25 years, who have an active sex life (81.9%), use condoms during sexual intercourse (63%) and who have not had any STIs (83, 5%). **Discussion and Conclusion:** most of the participants have knowledge about the forms of transmission and protection, but even so, it was noted that there are occasional doubts, with no association of this knowledge with safe sexual behavior, requiring the construction of new methodologies on sex education.

Descriptors: Acquired Immunodeficiency Syndrome (HIV/SIDA); College students; Knowledge; Health education; sexual health.

RESUMEN

Objetivo: evaluar el nivel de conocimiento de estudiantes universitarios sobre el VIH/SIDA. **Método:** estudio exploratorio, cuantitativo-descriptivo, con población universitaria a través de un cuestionario en línea formulado en Google Forms, que contiene 31 preguntas sobre conocimientos relacionados con el VIH/SIDA. **Resultados:** la muestra final estuvo constituida por 127 cuestionarios analizados, siendo la población predominantemente femenina (73,2%), blanca (85,8%), soltera/separada legal (54,4%), de las áreas de biológico y salud (62,2%), con edades entre 20 y 25 años, que tienen vida sexual activa (81,9%), usan preservativo durante las relaciones sexuales (63%) y que no han tenido ninguna ITS (83,5%). **Discusión y Conclusión:** la mayoría de los participantes tiene conocimientos sobre las formas de transmisión y protección, pero aun así, se notó que existen dudas ocasionales, sin asociación de estos conocimientos con conductas sexuales seguras, requiriendo la construcción de nuevas metodologías sobre sexo educación.

Descriptor: Síndrome de Inmunodeficiencia Adquirida (HIV/AIDS); Estudiantes universitarios; Conocimiento; Educación para la salud; salud sexual.

INTRODUÇÃO

O vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) causador da condição clínica mundialmente conhecida como Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) provoca queda da imunidade, propiciando o surgimento de outras enfermidades tais como hepatites virais, tuberculose, pneumonia, toxoplasmose e alguns tipos de câncer, teve seus primeiros casos detectados em 1981 nos Estados Unidos da América. No Brasil, os registros iniciaram-se em 1982 e na mesma década a

epidemia toma forma, disseminando-se da região Centro-Sul para o restante do território brasileiro.^{1,2}

A evolução da epidemia da HIV/AIDS pode ser analisada em três períodos: até 1986, onde as formas de transmissão eram por via sexual, entre as parcerias com homens que fazem sexo com homens (HSH) e por transfusão sanguínea; no fim da década de 80 ao início da década de 90, a forma de infecção mais recorrente era pelo uso de drogas injetáveis; e no início dos anos 90 até os dias de hoje, as

transmissões são predominantemente oriundas da prática heterossexual desprotegida, infectando principalmente mulheres, além de demonstrar um alastramento para as partes interioranas do país.^{2,3,4}

Trazendo essa abordagem para a realidade juvenil (entre 15 a 24 anos), o número de casos de HIV/AIDS, no Brasil, no período de 2007 até julho de 2021 foi de 67.350 mil, sendo que o total de número de notificações no SINAN era de 381,793, onde, aproximadamente, 69,8% eram homens e 30,2% eram mulheres. Isso acontece devido à falta de adaptação dos serviços de saúde sexual e reprodutiva às necessidades específicas da juventude – o que aumenta a falha do tratamento nessa faixa etária, ao estigma e discriminação dos profissionais de saúde, e a leis e políticas restritivas, como a de idade de consentimento para a realização da testagem sorológica.⁵

Nesse contexto, as medidas de proteção social e a manutenção de adolescentes na escola podem reduzir os riscos de infecção pelo HIV. As escolas representam um importante veículo de comunicação para a educação sexual, que fornece aos adolescentes e jovens o conhecimento e as habilidades necessárias para fazer escolhas conscientes, saudáveis e

respeitosas sobre seus relacionamentos e sua sexualidade.⁶

Ainda que haja campanhas, especialmente midiáticas, estas são rasas em instruções. Somado a isso, o medo e a discriminação sofridos pelas pessoas que vivem com AIDS, acabam por desestimular a população a buscar por centros de diagnóstico e de tratamento.^{2,4,7,8,9,10,11}

Justifica-se a importância desta pesquisa pois com o conhecimento e conscientização da população jovem sobre o vírus HIV, para que se promova a importância da prevenção, já que atualmente a HIV/AIDS ainda é um tabu para muitos universitários que, por falta de informação, contraem a doença e muitas vezes não sabem o motivo ou como confirmar o diagnóstico, fazendo com que haja progressão do vírus, caso não inicie precocemente o tratamento e, conseqüentemente, com maiores chances de complicações e morte.

Portanto, objetiva-se aferir o nível de conhecimento de universitários sobre a HIV/AIDS, perante os saberes sobre as formas de transmissão, prevenção, proteção e de serviços de saúde da região onde é feito o diagnóstico e tratamento.

MATERIAL E MÉTODOS

Tratou-se de um estudo exploratório, quantitativo-descritivo, no google forms, disponibilizado nas redes sociais e grupos de WhatsApp por um *link* direcionando ao questionário, no qual foi preenchido online necessitando do acesso à internet, 31 questões objetivas e dissertativas organizadas pelo valor nominal, voltadas a saberes básicos de formas de transmissão, de prevenção, de serviços de saúde indicados para diagnóstico e tratamentos dessa infecção sexualmente transmissível, somadas a questões pessoais. O questionário enviado foi dividido em 4 etapas, primeira etapa – variáveis sociodemográficas e econômicas, segunda etapa – variáveis de avaliação do comportamento sexual, terceira etapa - variáveis de avaliação do conhecimento de formas de transmissão, quarta etapa - variáveis de avaliação do conhecimento de forma de proteção.

A coleta de dados foi realizada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do UNISAGRADO, ficando o link:

<https://forms.gle/ahQWnH7vSTxKkT8BA> disponível por 15 dias, no ano de 2022, para a população alvo formada por graduandos de ambos os sexos do Ensino Superior com faixa etária acima de 18 anos. As variáveis exploradas dos critérios de inclusão: idade

dos estudantes, sexo, etnia, aspectos socioeconômicos, como localização residencial, renda familiar, relações sexuais com frequência, uso de preservativos, conhecimentos gerais das formas de transmissões, formas de prevenção, tratamentos e de serviços de saúde especializados em Infecções Sexualmente Transmissíveis.

RESULTADOS

A amostra foi constituída por 127 universitários que responderam ao questionário online, sendo a maioria do sexo feminino 93 (73,2%), cor branco (a) 109 (85,8%), com uma distribuição populacional maior na cidade Bauru/SP e faixa etária entre 20 a 25 anos. Há predominância de indivíduos solteiros/separação legal 69 (54,4%), seguido dos casados/relacionamento sério 56 (44,1%) e relacionamento aberto 2 (1,6%), houve prevalência nas áreas de biológicas/saúde 79 (62,2%), demais áreas como exatas, humanas e sociais aplicadas 48 (37,8%), que moram com seus responsáveis 66 (52%), sozinhos 26 (20,4%), república 15 (11,8%), localização em zona urbana 123 (96,9%). Ressalta-se que um grande número de participante tem uma média classe socioeconômica, pois a

grande maioria informou renda familiar entre 1 a 6 salários mínimos.

Na tabela 1, quando questionados sobre manter relações sexuais sem uso de preservativos, destacou-se que os principais motivos do NÃO uso foram serem casados ou em relacionamento estável apresentando assim, confiança no parceiro, desconforto do preservativo, ter melhor experiência sexual, esquecimento, consenso entre os

dois de não usarem preservativos. Outros motivos, foram o fato de casais lésbicos/bissexuais não possuírem ferramentas de proteção disponíveis no mercado e no SUS para relação sexual, a falta de conhecimento do uso de preservativos durante o sexo oral e fazer uso de outros métodos contraceptivos por acreditarem ser suficientes para prevenção da gravidez e IST.

Tabela 1 - Distribuição das variáveis de avaliação do Comportamento da Vida Sexual dos universitários (n=127). Bauru, SP, Brasil, 2022.

Questões sobre comportamento sexual		N	%
Vida sexual ativa?	Sim	104	81,9%
	Não	23	18,1%
Uso de preservativos durante suas relações sexuais?	Sim	80	63%
	Não	33	26%
	Não tenho relações sexuais	14	11%
Com qual frequência usa preservativos?	Sempre	55	43,3%
	Às vezes/Raramente	47	38%
	Nunca	11	8,7%
	Não tenho relações sexuais	14	11%
Tem ou já teve de alguma IST?	Sim	10	7,9%
	Não	106	83,5%
	Não sei	11	8,7%

Na tabela 2, evidenciou-se o conhecimento acerca das formas de transmissão do vírus da Imunodeficiência

Humana, contendo questões sobre vias sexuais, sanguínea, vertical e pela amamentação.

Tabela 2 - Distribuição das variáveis de avaliação do conhecimento sobre as formas de transmissão do HIV entre os universitários (n=127). Bauru, SP, Brasil, 2022.

Questões sobre formas de transmissão do HIV		N	%
Sexo sem preservativo	Sim	126	99,2%
	Não	0	0%
	Não sei	1	0,8%
Talheres, pratos e copos	Sim	16	12,6%
	Não	107	84,3%
	Não sei	4	4,1%
Utilizar mesmo banheiro	Sim	22	17,3%
	Não	95	74,8%
	Não sei	10	7,9%
Beijo na boca	Sim	34	26,8%
	Não	86	67,7%
	Não sei	7	5,5%
Gravidez ou parto	Sim	115	90,6%
	Não	4	3,1%
	Não sei	8	6,3%
Aleitamento materno	Sim	75	59,1%
	Não	21	16,5%
	Não sei	31	24,4%
Picadas de insetos	Sim	7	5,5% %
	Não	91	71,7% %
	Não sei	29	22,8% %
Seringa e/ou agulha	Sim	125	98,4%
	Não	1	0,8%
	Não sei	1	0,8%
Brincar com crianças soropositiva. Justifique sua interpretação em outros	Sim	4	3,1%
	Não	109	85,8%
	Não sei	5	3,9%

A questão abordando se uma criança pode pegar HIV se brincar com outras crianças soropositivas, deixando em aberto para justificativas de possíveis cenários foram predominantemente a possibilidade da criança se cortar e assim acontecer a contaminação.

Na tabela 3, averiguou-se a questão de múltiplas escolhas, onde, os participantes tiveram a liberdade de

assinalar mais de uma resposta, quando questionados sobre qual serviços de saúde que procurariam na suspeita de IST, observou-se baixo nível de conhecimento relacionado a unidades de demanda espontânea, UBS (Unidade Básica de Saúde) 65 (51%), UPA (Unidade de Pronto Atendimento) 25 (19,7%), CRMI (Centro de Referência de Moléstias Infeciosas) 15 (11,8%), AME (Atendimento Médico

Especializado) 14 (11%), CTA (Centro de Testagem e Aconselhamento) 40 (31,6%), NASF (Núcleo Apoio a Saúde da Família) 13 (10,2%), SAE (Serviço de Atendimento

Especializado) 13 (10,2%), HOSPITAIS 23 (18,1%), NÃO CONHEÇO/NÃO - 25 (19,8%).

Tabela 3 - Distribuição das variáveis de avaliação do conhecimento das formas de prevenção e proteção do HIV entre os universitários (n=127). Bauru, SP, Brasil, 2022.

Questões sobre formas de prevenção e proteção		N	(%)
Sexo com pessoas que aparentam ter boa saúde	Sim	1	0,8%
	Não	125	98,4%
	Não sei	1	0,8%
Sexo com preservativo	Sim	126	99,2%
	Não	1	0,8%
	Não sei	0	0%
Uso de anticoncepcional	Sim	0	0%
	Não	120	94,5%
	Não sei	7	5,5%
Tratamento para mulher grávida soropositiva	Sim	92	72,4%
	Não	8	6,3%
	Não sei	27	21,3%
Não compartilhar seringas, agulhas ou alicates já utilizados	Sim	122	96,1%
	Não	4	3,1%
	Não sei	1	0,8%
Relações sexuais sem camisinha com parceiro(a) fixo(a)	Sim	18	14,2%
	Não	106	83,5%
	Não sei	3	2,4%
AIDS é uma doença que tem cura?	Sim	8	6,3%
	Não	113	89%
	Não sei	6	4,7%

DISCUSSÃO

Houve a prevalência de participantes do sexo feminino (73,2%) e com a faixa etária entre 20 a 25 anos, trata-se de uma população vulnerável a novas práticas sexuais em que se acentua a busca de novas experiências sexuais momentâneas e se preocupam com aqui e agora deixando de lado comportamento mais seguros.

Este estudo revelou o antagonismo decorrente ao uso de preservativo e o conhecimento dos jovens sobre o assunto, ao mesmo tempo que grande parte dos entrevistados sabiam sobre a forma de transmissão do HIV e a importância do uso do preservativo para tal, na prática, uma parte considerável dos universitários não faz uso do preservativo de maneira rotineira. Os principais motivos para o não uso de preservativos relatados nesta

pesquisa estão de acordo com pesquisas bibliográficas sobre a temática, destacando-se a confiança de casais em relacionamento sério duradouro, esquecimento do preservativo, o desconforto durante o uso e por acharem que melhora o ato sexual sem o preservativo.¹²

Uma pesquisa realizada em São Paulo capital encontrou dados que convergem com os resultados desta pesquisa, dentre as justificativas para tal destacam-se que grande parte dos participantes tem conhecimento quanto ao uso de preservativos ser a melhor maneira de prevenir a transmissão de IST/HIV/AIDS. Os dados de ambas as pesquisas mostram que os fatores associados ao uso de preservativos estão mais presentes entre solteiros(as) com parceiros(as) sexuais casuais, entretanto, em relação a solteiro(as) com parceiros(as) fixos(as) ou casais em relacionamento sério, o uso de preservativo é bem menos utilizado, é possível destacar que fatores como esquecimento do preservativo colabora com a prática sexual desprotegida, consequentemente os deixando vulneráveis.^{12,13}

O fato de que casais monogâmicos que estão em um relacionamento conjugal estável tende a utilizar menos preservativos nas relações sexuais justifica-se pela questão da confiança e no companheirismo

nos(as) parceiros(as) não os colocando em riscos, a prática de sexo mais seguro encontra certas barreiras, sendo importante a atenção no vínculo afetivo-sexual e comunicação; onde o diálogo e a confiança é ausente o risco de infecção pode ser maior.¹⁴

O nível de informação é relativo em casais que estão juntos a certo tempo, a conexão durante os anos é inexplicável pelo desenvolvimento de confiança e cumplicidade mútuo do casal, a força da confiança em um relacionamento faz com que haja um consenso entre as duas partes a não usar o preservativo como forma de proteção, assim como o fato de transformar o ato sexual mais prazeroso e sensível aos dois, utilizando assim outros métodos contraceptivos disponíveis no mercado.¹⁴

Entretanto, relacionados a maior população da pesquisa que são os solteiros universitários, há uma peculiaridade no comportamento sexual onde, o não uso de preservativos nas relações sexuais pode trazer consequências, sendo um fator ao não uso de preservativos entre os solteiros que tem relações sexuais casuais um importante ponto a ser levado em consideração, uma vez que há conhecimento quanto as formas de contrair, mas ainda assim se arriscam nas práticas sexuais não seguras. Vivemos em uma realidade que os comportamentos de risco devem ser foco das políticas públicas

de saúde, em especial, que tais políticas possam atingir a população jovem que se vê invulnerável à contaminação do vírus HIV, àquelas que estão em relacionamentos íntimos, no qual, baseiam a justificativa do não uso do preservativo na confiança no casal.

Tal como já foi apontado, grande parte dos alunos do estudo tem conhecimento sobre as formas de transmissão e proteção, no entanto, os dados demonstram que a área de saúde/biológica tem mais domínio do conhecimento sobre HIV/AIDS do que as demais áreas, mostrando que existe uma lacuna na formação desses jovens no ensino fundamental/médio, onde estudos mostram que é nessa idade os jovens começam a ter relações sexuais, sendo importante a elaboração de um currículo escolar abordando a educação sexual no ambiente escolar para formação de jovens com comportamentos sexuais mais seguros.¹⁵

Um ponto importante a destacar é a falta de conhecimento em relação à via de transmissão vertical, através do aleitamento materno, pela saliva e por utilizar o mesmo banheiro que alguém que tem HIV/AIDS usa, uma vez que há um número considerável de participantes que não sabem ou ainda tem dúvida sobre esse assunto. Reforçando a importância sobre educação sexual primordialmente no

ambiente escolar, no qual, é o local ideal pois o indivíduo está em constante evolução.

CONCLUSÃO

O conhecimento sobre as formas de transmissão e proteção está presente na população pesquisada, com dúvidas pontuais sobre as formas de transmissão. Em relação à ação prática percebe-se que a população jovem, por mais que entenda as formas de proteção contra IST/HIV/AIDS, não as praticam.

É necessário achar novas metodologias, tanto para as políticas públicas, quanto para educação sexual que de fato atinjam essa população, assim como, abrindo espaço para novas pesquisas sobre o tema que é de grande importância à saúde pública.

Vale destacar que, seguindo uma proposta educacional, para todos participantes que concordaram em receber mais informações a respeito do assunto, foi enviado uma cartilha informativa sobre HIV/AIDS, ao final da pesquisa.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde (Brasil). Departamento de doenças de condições crônicas e infecções sexualmente transmissíveis. Boletim Epidemiológico HIV/Aids [Internet]. 2019 [citado em 30 ago 2021]. Disponível em: https://antigo.aids.gov.br/system/tdf/pub/2016/67064/boletim_hiv_aids_2019.pdf?file=1&type=node&id=67064&force=1
- 2 Pinto ACS, Pinheiro PNC, Vieira NFC, Alves MDS. Compreensão da pandemia da HIV/AIDS nos últimos 25 anos. DST - J Bras Doenças Sex Transm. [Internet]. 2007 [citado em 30 ago 2021]; 19(1):45-50. Disponível em: <https://www.bjstd.org/revista/article/view/712/624>
- 3 Rebello L, Gomes, R, Souza A. Homens e a prevenção da HIV/AIDS: análise da produção do conhecimento da área da saúde. Interface: comunicação, saúde, educação [Internet]. 2011 [citado em 30 ago 2021]; 15(36):67-78. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/KYJZGDV676HDXLPPv8N9tVC/?format=pdf&lang=pt>
4. Santos NJS, *et al.* Contextos de vulnerabilidade para o HIV entre mulheres brasileiras. Cad Saúde Pública [Internet]. 2009 [citado em 30 ago 2021]; 25(Supl 2):S321-333. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/yzrzd4rn3s8CNfpvVcW7S3m/?format=pdf&lang=pt>
5. Ministério da Saúde (Brasil). HIV/AIDS 2021. Bol Epidemiol AIDS [Internet]. 2021 [citado em 30 ago 2021]. (N Esp). Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2021/boletim-epidemiologico-especial-hiv-aids-2021.pdf>
6. Universidade de São Paulo. Entre na via rápida - A abordagem do ciclo de vida para o HIV [Internet]. São Paulo: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária; 2016 [citado em 30 ago 2021]. Disponível em: <https://prceu.usp.br/repositorio/entre-na-via-rapida-a-abordagem-do-ciclo-de-vida-para-o-hiv/>
7. Universidade de São Paulo. Agir para mudar leis discriminatórias [Internet]. São Paulo: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária; 2019 [citado em 30 ago 2021]. Disponível em: <https://prceu.usp.br/repositorio/agir-para-mudar-leis-discriminatorias/>
8. Grupo de temático do UNAIDS (Brasil). Relatório informativo – Atualização global da AIDS 2019 [Internet]. Brasília, DF: Grupo de temático do UNAIDS; 2019 [citado em 30 ago 2021]. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://un-aids.org.br/wp-content/uploads/2019/07/2019_UNAIDS_GR2019_FactSheet_pt_final.pdf&ved=2ahUKEwjKpJXtsfKIAxWdIlkGHU2zAkUQFnoECBQQAQ&usg=AOvVaw3KJzJOuD3ZUPoHwoP-Ba3M
9. Silva, LMS, Tavares, JSC. A família como rede de apoio às pessoas que vivem com HIV/HIV/AIDS: uma revisão na literatura brasileira. Ciênc Saúde Colet. [Internet]. 2015 [citado em 30 ago 2021]; 20(4):1109-1118. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/bz68yF8fd3KnrzVn8BCpv7n/?format=pdf&lang=pt>
10. Luiz GM. O uso da argumentação científica na opção por estilos de vida arriscados no cenário da HIV/AIDS. Interface: Comunicação, Saúde, Educação [Internet]. 2013 [citado em 30 ago 2021]; 17(47):789-802. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/stfxVNrdsW9xy5S3vFy6H7p/?format=pdf&lang=pt>
11. Silva CGS. Serviço de Assistência Especializada (SAE): uma experiência profissional. Psicol Ciênc Prof. [Internet]. 2007 [citado em 30 ago 2021]; 27(1):156-163. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/wfsdbJm9T8HG67YqTJzDQ6x/?format=pdf&lang=pt>
12. Gutierrez EB, Pinto VM, Basso CR, Spiassi AL, Lopes MEBR, Barros CRS. Fatores associados ao uso de preservativo em jovens – inquérito de base

populacional. Rev Bras Epidemiol. [Internet]. 2019 [citado em 30 ago 2021]; 22:E190034. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/MTQGXDZZHgRdMZnPrW69cJk/?format=pdf&lang=pt>

13. Fonte VRF, Spindola T, Francisco MTR, Sodré CP, André NLNO, Pinheiro CDP. Jovens universitários e o conhecimento acerca das infecções sexualmente transmissíveis. Esc Anna Nery [Internet]. 2018 [citado em 30 ago 2021]; 22(2):e20170318. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/5HqmrYZPWj4yPFnPts9mSsH/?lang=pt&format=pdf>

14. Oltramari LC, Camargo BV. AIDS, relações conjugais e confiança: um estudo sobre representações sociais. Psicol Estud. [Internet]. 2010 [citado em 30 ago 2021]; 15(2):275-283. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pe/a/yPBt4cjnYySxLq4zbP5F4wd/?lang=pt&format=pdf>

15. Furlanetto MF, Lauermann F, Costa CB, Marin AH. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. Cad Pesqui. [Internet]. 2018 [citado em 30 ago 2021]; 48(168):550-571. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/FnJLpCKWxMc4CMr8mHyShLs/?format=pdf&lang=pt>

RECEBIDO: 18/11/22

APROVADO: 19/09/24

PUBLICADO: 09/2024